

O PARAÍSO NA TERRA¹

William F. Pinar²

Resumo: No breve ensaio questiono o papel da tecnologia no mundo em que vivemos diante do sombrio enfoque do canadense George Grant e do impacto das reformas escolares globais de cunho empresarial. Em toda parte, ao que parece, a tecnologia é a resposta para a pergunta canônica do currículo: qual conhecimento tem mais valor? Tendo seus elementos éticos, históricos e culturais ignorados, a questão do currículo é agora respondida apenas, ou ao menos com mais intensidade, por aqueles que se dedicam à vida humana decodificada em uma única forma: bem-paga, confortável, conectada.

Palavras-chave: currículo, tecnologia, empresariado.

HEAVEN ON EARTH

Abstract: In this short essay I question the role of technology in the world we live from the dark focus of Canadian George Grant and the impact of the interest of the private sector in the global school reform. Everywhere, it seems, technology is the answer to the canonical curriculum question: what knowledge is of most worth? Its ethical, cultural, historical elements ignored, the curriculum question is now answered only, or least most loudly, by those dedicated to human life decoded one way only: well-paid, comfortable, connected.

Keywords: curriculum, technology, private sector.

Associada à modernidade em si, e especificamente aos Estados Unidos como a mais expressiva manifestação” (EMBERLEY, 2005, p.80) da modernidade, a tecnologia tornou-se não apenas um *mode d'être* opcional, mas a *única* forma de viver na terra. A tecnologia se tornou, de acordo com o sucinto resumo feito por Emberley (EMBERLEY, 2005, p.80) do entendimento do filósofo canadense George Grant do termo, uma racionalidade instrumental, “dominação” da natureza, uma política de governo “imperial, burocrática”, um culto à “eficiência”, uma sociologia da “correção” e do “equilíbrio”. Estes – aos quais eu acrescentaria a quantificação dos resultados educacionais, a tecnologização da função dos professores e os movimentos de currículos online³ – são, segundo Grant, “o verdadeiro caráter da era moderna” (GRANT, 2005, p.52). Essa era, conhecida como a era do “progresso”, contígua ao nascimento do capitalismo, da ciência e da “conquista da natureza”, contrasta agudamente com a Grécia antiga, conforme enfatizou Grant (GRANT, 2005, p.52). Essa gênese do presente norte-americano tornou-se o contraste através do qual ele justapôs o presente. Grant (GRANT, 2005, p.53) tinha certeza de que “não há lugar para culturas locais” agora que a ciência alcançou hegemonia.

Como pode o local se tornar subsumido no global, tecnologicamente estruturado em si

¹ Tradução de Maria Luiza Sússekind/UNIRIO. Revisão da tradução: Sofia Soter.

² University of British Columbia, Vancouver, Canada. E-mail: <mlsussekind@uol.com.br>

³ Pinar se refere ao MSU (<https://www.facebook.com/MSUHub/>) e outros grupos e espaços de compartilhamento online de orientações curriculares com o fim de serem aplicadas nas escolas para melhorar, controlar, avaliar e demonizar o trabalho do professor conforme esclarecem outros de seus trabalhos.

mesmo? No ocidente, Grant respondeu, existiu uma “relação íntima” entre tecnologia e liberalismo político, ou seja, a “crença que a essência do homem é liberdade” (GRANT, 1966, p.4). Essa crença numa “sociedade verdadeiramente liberal”, lembrou Grant, (GRANT, 1998, p.2) é historicamente ligada ao progresso da ciência. Como num passe de mágica, o liberalismo político implantou homogeneidade legal e social a fim de garantir a igualdade individual, algo essencialmente privado e psicológico, que se expressa através do consumo de bens. Em tal “estado universal e homogêneo”, conforme Grant (GRANT, 1969, p.33) colocou a questão, a humanidade presumivelmente se torna “livre” e “igual”, além de “crescentemente capaz de compreender sua individualidade concreta”. Significativamente, e esta é a diferença crucial que Grant desenha entre o mundo antigo (grego) e o mundo secular contemporâneo, é que a realização da individualidade não é espiritual, moral ou intelectual, mas psicologizada e fundida ao desenvolvimento tecnológico. À medida que nos aproximamos do fim, “prevemos”, advertiu Grant (GRANT, 1969, p.33), que nossa dependência da tecnologia para a realização da individualidade torna-se cada vez mais urgente. Em uma reforma escolar global, isso se traduziu numa demanda ensurdecadora pelo “que funciona” em salas de aula, num behaviorismo atualizado quantificado em resultados de testes padronizados dos estudantes. Assim como a aprendizagem aberta desaparece em números nos testes, o esforço moral é recalculado por aumentos de produtividade que são dependentes avanço tecnológico. Agora, as escolas são descartadas como instituições antiquadas, só “tijolos e argamassa”, em atraso a ser privatizadas e então virtualizadas, como cada vez mais o currículo se move e passa a ser online. Tal currículo é como uma restituição de imposto que retruca, auditado por professores rebaixados a contadores com contratos de curto prazo.

Este sentimento generalizado de uma salvação tecnológica para as escolas é subsumido por um mais amplo, mesmo civilizacional, que é a fé na tecnologia para transformar a terra em um paraíso para os escolhidos, por exemplo, os empresários. Mas os educadores devem se perguntar: a tecnologia – e especificamente a internet – pode melhorar a condição humana? Apesar de sua associação com a violência⁴ – nos EUA, mais recentemente, com o massacre em Orlando de 13 de junho de 2016 –, há aqueles que ainda respondem a essa pergunta afirmativamente. Eles apontam que em alguns lugares a internet tem ajudado a combater a corrupção, em outros tem incentivado mais meninas a irem à escola, enquanto em outros, ainda, permitiu aos cidadãos monitorar fraudes eleitorais e divulgar registros de violência policial. Para aqueles que só conseguem dar de ombros, cinicamente, diante de tal questão, as evidências vieram de uma fonte improvável. De acordo com um relatório divulgado pelo Banco Mundial em 13 de janeiro de 2016, no entanto, as vastas mudanças trazidas pela tecnologia não têm “ampliado as oportunidades econômicas ou a melhoria do acesso a serviços públicos básicos” (SENGUPTA, 2016, A11). O Banco advertiu que as inovações da internet estão expandindo as desigualdades e apressando o esvaziamento dos empregos de classe média (SENGUPTA, 2016, A11).

Apesar dos fatos, a atual demanda sem precedentes e frequentemente inquestionável por tecnologia na educação é justificada como utilitária, como uma preparação de estudantes e seus professores para um futuro ainda mais perfeitamente tecnológico. Essa racionalidade utilitarista é contraditória, dado que o ritmo rápido das mudanças tecnológicas garante que

⁴ Certamente George Grant sabia em primeira mão a associação entre tecnologia e violência. “Meu pai”, escreveu George Grant, “era um jovem da Nova Escócia, que tinha crescido em Kingston, Ontário, e era essencialmente um grande estudioso, muito gentil, que eu acho que, acima de tudo, foi arruinado pela Primeira Guerra Mundial. Ele foi arruinado fisicamente; ele foi terrivelmente ferido. Para essas pessoas, que haviam crescido na grande época de progresso, encontrar o holocausto das trincheiras foi terrível” (apud CHRISTIAN, 2001 [1995], p.8-9). William Grant cresceu amargurado sobre o abate inútil da Primeira Guerra Mundial, estruturado pela tecnologia. Para uma visão sóbria da associação entre a tecnologia de hoje e a Segunda Guerra Mundial, consulte Kittler, 2013.

qualquer preparação deve se perder. Não importam os fatos, as promessas prevalecem, como *promotores*⁵ asseguram-nos que a tecnologia melhora a aprendizagem do aluno. Universidades e escolas parecem incapazes de resistir, desviando recursos de professores e estudantes para adquirir os produtos (sempre a serem atualizados) que as empresas de tecnologia vendem. A aquisição constante de tecnologia tem produzido um “fácil e rápido crescimento de vendas”, conforme indica o relatório de Matt Richtel (2011, A1), contratado por empresas de informática e outras tecnologias determinadas a lucrar com financiamento público.⁶ A bolha tecnológica continua a inflar, Richtel (2011, B7) continua, assim como “persistem questões sobre quão efetivos podem ser os produtos de alta tecnologia na melhora do atendimento dos objetivos dos estudantes. As empresas dizem que seus produtos engajam os estudantes no mundo e os preparam para um futuro digital, enquanto alguns acadêmicos defendem que a tecnologia não está cumprindo suas promessas”.⁷

Os governos conspiram com as corporações e colonizam o currículo através do estabelecimento de testes padronizados que destroem sua presença subjetiva nas pessoas de docentes emocionalmente e intelectualmente comprometidos com seus estudantes. Os políticos se juntam ao setor privado – especialmente Pearson, Apple, Microsoft (SPRING, 2012) –, exigindo ênfase curricular sobre temas que conduzem ao emprego – um dos potenciais candidatos presidenciais republicanos, o Senador Marco Rubio, pediu por mais soldados e menos filósofos (COHEN, 2016) enquanto atacava indivíduos já marginalizados pela histórica ênfase em ciência, tecnologia, engenharia e matemática. Em toda parte, ao que parece, a tecnologia é a resposta para a pergunta canônica do currículo: qual conhecimento tem mais valor? Tendo seus elementos éticos, históricos e culturais ignorados, a questão do currículo é agora respondida apenas, ou ao menos com mais intensidade, por aqueles que se dedicam à vida humana decodificada em uma única forma: bem-paga, confortável, conectada. Isso deixa aqueles pobres e desconectados desconfortáveis. Em cidades norte-americanas como Detroit, Miami e Nova Orleans, onde quase um terço das casas não tem acesso à Internet, as crianças lotam bibliotecas e restaurantes fast-food a fim de completar as tarefas de casa (KANG, 2016, A1).

O que quer que sejam os seus benefícios, o bullying não é um deles. David Finkelhor, o diretor do Centro de Pesquisas de Crimes Contra Crianças (Crimes Against Children Research Center) da Universidade de New Hampshire, nos EUA, relata que as redes sociais não têm causado um aumento dos crimes violentos envolvendo crianças, exceto na categoria de pornografia. Atestando o status sagrado da tecnologia, o professor Finkelhor foi rápido ao advertir os leitores contra a “tecnofobia”, insistindo que “traços de caráter – e não de tecnologia” – são os culpados no caso (STOLBERG; PÉREZ-PEÑA, 2016, A1). Traços de caráter são os culpados, tudo bem, e as redes sociais claramente os incentivam. Existem alternativas, mas são poucas e raras.⁸ Por quê? A tecnologia substituiu Deus como aquilo que oferece a salvação, a redenção da humanidade da ignorância, do mal e da pobreza. George Grant sabia

⁵ A tradução aqui busca manter ambos sentidos de promotor de justiça e de vendas.

⁶ Richtel relatou – em 2011 – que “bilhões” de dólares estão em jogo. Em 2013, Singer (2014, B6) escreveu que as “vendas em softwares de tecnologia educacional para crianças do maternal ao ensino fundamental alcançou o valor estimado de 7,9 bilhões de dólares, de acordo com a Software and Information Industry Association”.

⁷ Falhar em cumprir sua promessa pode ser apenas o início dos problemas que a tecnologização da educação coloca, já que a pesquisa documenta as consequências deletérias da substituição virtual da experiência real (ver PINAR, 2012, 140-161).

⁸ O relatório de Riley (2016, A9) traz estudos sobre uma escola *charter* em Prescott, Arizona, fundada em 1999. Em seu currículo, Mountain Oak encoraja a “exploração do mundo natural e rejeita o uso da tecnologia em sala de aula e até em casa”.

disso há cinquenta anos. Agora, até mesmo o Banco Mundial admitiu a farsa. Quando admitirão os educadores?

REFERÊNCIAS

- COHEN, Patricia. A Rising Call to Promote STEM Education and Cut Liberal Arts Funding. The New York Times. New York, p. B1-B3. fev. 2016.
- EMBERLEY, Peter C. Foreword to the Carleton Library Edition. In: GRANT, George. Lament for a Nation. Montreal And Kingston: Mcgill-queen's University Press, 2005. p. 78-85.
- GRANT, George. Introduction. In: GRANT, George. Philosophy in the Mass Age. Toronto: Copp Clark Publishing, 1966. p. 3-9.
- GRANT, George. Technology & Empire. Toronto: Anansi, 1969.
- GRANT, George. Lament for a Nation. [40th anniversary edition]. Montreal and Kingston: McGill-Queen's University Press, 2005.
- KANG, Cecilia. Bridging a Digital Divide That Is Leaving Schoolchildren Behind. The New York Times CLXV. New York, . fev. 2016..
- KITTLER, Friedrich A. The Truth of the Technological World: Essays on the Genealogy of Presence. [With an afterword by Hans Ulrich Gumbrecht.] Stanford, CA: Stanford University Press, 2013.
- PINAR, William F. What Is Curriculum Theory? 2nd edition. New York: Routledge, 2012.
- RICHTEL, Matt. Silicon Valley Wows Education, and Woos Them. The New York Times Vol. CLXI (55,580). New York, A1, B7. nov. 2011.
- RILEY, Naomi Schaefer. Teach Your Children Well: Unhook Them From Technology. The Wall Street Journal CCLXVII. New York, No. 1 A9. jan. 2016.
- SENGUPTA, Somini. "Digital Dividends" Uneven, Report Says. The New York Times CLXV. New York, No. 57,111, A11. jan. 2016.
- SINGER, Natasha. With Tech Taking Over In Schools, Worries Rise. The New York Times CLXIII. New York, No. 56,625, B1, B6. set. 2014.
- SPRING, Joel. Education Networks: Power, Wealth, Cyberspace, and the Digital Mind. New York: Routledge, 2012.
- STOLBERG, Sheryl Gay; Pérez-Peña, Richard. App Provides Anonymity to Teenagers, and to Predators, Too. The New York Times CLXV. New York, No. 57,134, A1, A3. fev. 2016.